

JOSÉ LINS DO REGO E A ARGENTINA: CONFERÊNCIAS NO PRATA E CRÔNICAS D'O GLOBO

Regiane Matos (CPDOC/FGV)¹

Resumo: Este artigo abordará os caminhos iniciais da minha pesquisa a respeito da relação do escritor brasileiro e paraibano José Lins do Rego (1901-1957) com a Argentina. O ponto de partida é sua ida ao país platino em 1943, onde e quando proferiu uma série de conferências a respeito da literatura brasileira do século XIX no Colégio Libre de Estudios Superiores (1930-1959), posteriormente reunidas e publicadas em *Conferências no Prata* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946). O objetivo é apresentar as primeiras evidências da pesquisa, a respeito do motivo da viagem, do teor das conferências e das possíveis redes de sociabilidade que giram em torno da ida do escritor paraibano à Argentina, bem como os principais temas presentes nas crônicas de José Lins publicadas n'*O Globo* depois da referida viagem.

Palavras-chave: José Lins do Rego; Literatura brasileira; Crônica; Argentina; Itamaraty.

Contextualização

José Lins do Rego Cavalcanti nasceu no Engenho Tapuá, em São Miguel de Taipu (PB) em 1901. Sua mãe morre quando ele ainda era criança, o pai casa-se com outra mulher. Ele passa a ser criado entre os engenhos do avô Bubu, sob responsabilidade das tias. Estuda em internatos e depois se forma na Faculdade de Direito do Recife. Em 1923 casou-se com Philomena Massa, a Naná, com quem teve 3 filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina. Funcionário público até a sua morte, em 1957, atuou como promotor público em Manhuaçu (MG), como fiscal de imposto no Recife (PE), em Maceió (AL) e no Rio de Janeiro (RJ).

A obra romanesca de José Lins do Rego (1901-1957) é representante do chamado “romance social” brasileiro que, na década de 1930, dá destaque à produção literária de autores do nordeste do Brasil, dentre os quais o alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), o baiano Jorge Amado (1912-2001) e a cearense Raquel de Queirós (1910-2003). Sua primeira publicação literária fora ainda na juventude, quando aos 17 anos passou a escrever ensaios para jornais da capital paraibana: a estreia se deu com o artigo dedicado a Rui Barbosa publicado no *Diário do Estado* (HOLLANDA, 2012: 62). Aqui vale recuperar os títulos que o fizeram reconhecido escritor: o denominado “ciclo da cana-de-açúcar” abarca *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo morto* (1943); o “ciclo da seca e do cangaço” *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953); *O moleque*

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais (CPDOC/FGV); Mestra em Culturas e identidades brasileiras (IEB/USP); Bacharela em Letras Português/Espanhol (FFLCH/USP). Contato: regianematos89@gmail.com.

Ricardo (1935), *Riacho Doce* (1939) e *Eurídice* (1947) são do “ciclo urbano”, enquanto que *Pureza* (1937) e *Água-mãe* (1941) e representam o “ciclo do mistiscismo”.

Os quatro primeiros romances foram escritos na capital alagoana, onde residiu entre os anos de 1926 e 1935. Nessa cidade foi integrante do “Grupo de Maceió”, do qual fizeram parte intelectuais como Alberto Passos Guimarães, Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós e Valdemar Cavalcanti. Os membros do Grupo faziam constantes viagens à cidade do Rio, nas quais “os autores estreados funcionaram como intermediários mútuos para chegar ao ‘sul’” (SORÁ, 2010, p. 150). A seguinte constatação de Ângela de Castro Gomes, em “População e sociedade”, nos permite compreender este movimento de JLR e de tantos outros intelectuais nordestinos:

O Nordeste, como já se afirmou, foi o local de partida da maioria dos migrantes que se deslocaram entre as décadas de 1930 e 1960. Vivendo um período de decadência econômica, tanto em sua agricultura quanto nas atividades fabris, em que a indústria têxtil teve papel de destaque, a região oferecia poucas oportunidades de trabalho e ainda sofria com as secas. A figura do retirante e a paisagem do sertão foram imortalizadas pela literatura dessa época, sobretudo pelo chamado romance social, de autores que são clássicos da literatura brasileira (GOMES, 2013, p. 78).

Em *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro* (2010), o historiador Gustavo Sorá dá grande importância para a relação entre o editor paulista e o escritor paraibano, recuperando inclusive duas cartas remetidas por JLR ainda em Maceió – ele não tinha o costume de datar cartas e, além disso, sua caligrafia é dificilmente decifrada. Essas duas cartas já fazem referência a suas idas ao Rio, onde o abrigava o artista Tomas Santa Rosa Júnior (SORÁ, 2010, p. 139-140), que veio a ser quem mais fez capas de obras publicadas pela JO, tendo sido o “condensador do espírito” da literatura brasileira que deu cara à editora de autores, dentre os quais: Amílcar Dutra de Menezes, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Guilherme de Almeida, Jorge Amado, José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Raquel de Queirós (CARPEAUX, 1953, p. 193 apud SORÁ, 2010, p. 190-191).

Todos os romances de JLR saíram por editoras cariocas: *Menino de engenho* (Rio de Janeiro: Adersen, 1932) e *Doidinho* (Rio de Janeiro: Ariel, 1933). A partir de *Banguê* (1934), os romances do escritor paraibano foram publicados pela José Olympio, os dois primeiros com a livraria-editora ainda sediada em São Paulo e os outros seguintes já no Rio, na Rua do Ouvidor. A sua relação com o livreiro e editor paulista é ponto-chave para a compreensão da trajetória das redes de sociabilidade que fizeram o paraibano deixar Maceió para viver na capital federal – e também cultural e literária – do Brasil.

A partir da década de 1930, JLR, além de escritor, passou a ser também representante editorial e correspondente de imprensa, através da utilização dos méritos de sua influência regional – vale

lembrar que Plínio Salgado e Paulo Prado também foram grandes interlocutores na formação dessa rede literária em torno da JO:

[...] e orientava a divulgação da casa editora para as comunidades a que pertencia.
[...] José Lins do Rego impunha ao editor uma rede de atores preferenciais, não só em sua região de origem, mas também na capital, maneira de maximizar um reconhecimento mais próximo à sua posição e disposições (SORÁ, 2010, p. 171).

Como “consequência da ação de cooptação mútua entre o editor e o grupo intelectual nordestino” (SORÁ, 2010, p. 183), em 1935 José Lins consegue transferência e assume o cargo público de fiscal do imposto de consumo em Niterói (RJ), cidade que naquela época era a capital do Estado da Guanabara, posteriormente denominado Estado do Rio de Janeiro. Na capital federal, vizinha de Niterói, José Lins viveu nos seguintes bairros da zona sul: Humaitá (rua Alfredo Chaves, entre os anos de 1936 e 1941), Botafogo (rua Conde de Irajá, apenas em 1942) e no Jardim Botânico (rua General Garzon, 10), onde no terreno, comprado em 1942, foi construída a casa na qual viveu nos últimos 14 anos de sua vida (HOLLANDA, 2012, p. 151-2). Para ir ao trabalho costumava pegar as barcas para atravessar a Baía de Guanabara, e vez ou outra era enviado ao interior do Estado a fim de realizar inspeções nas cidades de Araruama, Cabo Frio e Vassouras.

Mônica Pimenta Velloso, em seu artigo “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”, fornece um rico panorama da atuação desse governo em relação às artes e à culturas contando com a essencial atuação dos modernistas, católicos, socialistas e integralistas que se vincularam ao Estado, dentre os modernistas “Carlos Drummond de Andrade, Oliveira Vianna, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, Vinícius de Moraes, Gustavo Barroso, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e outros” (VELLOSO, 1997, p. 69). A autora também aponta os mecanismos dos quais o governo se utilizou, funcionando como “organismo onipresente que penetra todos os poros da sociedade”, construindo uma ideologia abarcando “desde as cartilhas infantis aos jornais nacionais, passando pelo teatro, música, cinema e marcando a sua presença inclusive no carnaval” (VELLOSO, 1997, p. 69). Então é importante considerar que o escritor objeto desta tese de doutorado foi um dos integrantes desse sistema político-artístico nacional, já que o vínculo entre Estado Novo e modernismo foi essencial na formação da ideia do regime como “defensor de ideias arrojadas no campo da cultura”, sendo os intelectuais inseridos de forma diferenciada em cada atuação e cada categoria de ambição do projeto, sempre a fim de “educar as manifestações populares” (Ibidem, p. 70-1).

O jornal *O Globo*, que publica as crônicas zelinianas, foi fundado em 1925 por Irineu Marinho que, antes de ser proprietário de um periódico havia atuado na direção d'*A Noite* desde 1910. Um ano após o início das atividades de seu jornal, ele falece, sendo Roberto Marinho, seu filho, o sucessor no cargo. Durante o período Vargas o jornal assumiu posição contrária ao governo Vargas. JLR foi amigo

próximo do empresário que, em 1943, convida-o para colaborar no jornal, no qual o paraibano passou a colaborar exaustivamente até a sua morte, em 1957.

Júlio Ramos (1989), ao analisar as tentativas de autonomização da literatura na América Latina, afirma que a crônica é tomada como objeto privilegiado para pensar a adaptabilidade e heterogeneidade do sujeito literário latino-americano. A leitura de *ABC de José Lins do Rego* (2012), de Bernardo Borges Buarque de Hollanda, permitiu-me compreender a longevidade da sua colaboração cronística e a rede de sociabilidade a que pertencia o jornalista e romancista José Lins. Assim como outros escritores modernistas brasileiros residentes de grandes cidades, vê-se que ele foi um homem que desfrutou e participou da urbanidade carioca. A revista *Diretrizes*, de julho de 1938, traz o seguinte comentário:

Os escritores vivem na rua.

– Cabe aos entendidos tirar conclusões e verificar até que ponto essa circunstância influi na produção literária nacional assim como pesquisar os motivos dessa penúria. Nós apenas registramos:

– O poeta Jorge de Lima tem uma sapataria, o escritor Graciliano Ramos esteve trabalhando como caixa de uma casa comercial, o escritor José Lins do Rego é fiscal do imposto de consumo, o novelista Marques Rebelo é vendedor da Cia. Nestlé, o economista Leonidas de Rezende cria galinhas e planta laranja, o poeta Schmidt é diretor de produção de uma cia. de seguros, Anibal Machado, Murilo Mendes, Ademar Tavares e outros são funcionários da Justiça. E assim por diante.²

Sobre a rotina do escritor, com as filhas Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina costumava jogar tênis no Clube Piraquê, bem próximo à sua última residência. Flamenguista e literato ativo, os principais pontos de sociabilidade e atuação intelectual de José Lins foram o Clube de Regatas do Flamengo, sediado na Gávea – bairro vizinho que ele acessava caminhando às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas – e a Livraria e Editora José Olympio, situada no centro da cidade, na Rua do Ouvidor.

Relevância

No Rio de Janeiro, José Lins do Rego, preso a costume da infância, continuava a acordar cedo. Escrevia e/ou lia cerca de uma hora, tomava café, e saía, em geral, de lotação. Ia conversando com este ou aquele passageiro. As conversas eram, sobretudo, acerca de futebol. E tantas foram elas que delas nasceu o batismo de uma seção que manteve em *O Globo*: “Conversas de lotação”. Ia ao barbeiro – na Avenida Rio Branco – e era íntimo da gente da barbearia. Tinham todos um idioma comum: o futebol. Almoçava na Confeitaria Colombo. Tão conhecido era dos chefes da casa (e também dos garçons, com quem trocava palavras nada convencionais), que hoje se vê

² “Os escritores vivem na rua”, autor não identificado, *Diretrizes*, ano I, n. 4, jul. 1938, Seção Sociologia-Literatura-Arte, p. 64. Acesso por meio da Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

no refeitório uma placa onde há palavras alusivas ao prestígio de José Lins do Rego ali. (HOLLANDA, Aurélio Buarque de. “Revelações sobre José Lins do Rego”, 1982: 171).

Observando estantes de livrarias muito frequentadas da Zona Sul carioca no ano de 2018 pude constatar que na seção de Literatura Brasileira as obras de JLR são pouco encontradas e, quando são, em poucos exemplares e pouca variedade – *Menino de engenho* e *Fogo morto* quase sempre constantes, além de um ou outro de seus romances. Suas milhares de crônicas, publicadas em periódicos brasileiros ou reunidas em obra organizadas pelo próprio escritor ou por organizadores postumamente, ainda são pouco estudadas. Esta pesquisa tem como objetivo, então, trazer à luz a produção cronística zeliniana.

O jornal como suporte efêmero vira barreira para a recuperação deste conteúdo e, além disso, os textos nele publicados costumam ter menos valorização literária quando o autor, no caso, já fora consagrado com seus romances publicados em livro, suporte literário de excelência e legitimação. Acredita-se aqui que os jornais podem sim ser estritamente relacionados à literatura, por serem um laboratório de experimentação e por vezes de criação literária, bem como de testes de públicos-leitores a partir da recepção dos textos ali publicados. Desta maneira, recuperar e analisar as crônicas de JLR contribui aos estudos literários de sua obra, transpassando as fronteiras que geralmente são demarcadas pelo cânone.

A reunião e edição deste conjunto de crônicas possibilitará o acesso de pesquisadores de diversas áreas – Literatura, Ciências Sociais, História, Política – a testemunhos de época escritos por um intelectual que transitou por diversas redes de sociabilidade, utilizando-se do suporte jornalístico para retratar questões literárias, sociais, econômicas e políticas do Brasil e da Argentina por meio das crônicas. Os estudos de César Braga-Pinto (2007 – organização e ensaio introdutório de *Ligeiros traços* – e 2011), Bernardo Buarque de Hollanda (2004; 2012), José Luiz Passos (2010) e Sérgio Miceli (2012) são pioneiros neste sentido e servem de base teórica e metodológica para este trabalho.

Em fevereiro de 2018 realizei pesquisa no Portal CAPES, a fim de fazer levantamento das teses e dissertações que abordassem, de maneira principal ou tangencial, o intelectual e escritor José Lins do Rego e sua obra. Das 117 ocorrências, a maioria delas gira em torno de seus romances, algumas tratam do regionalismo, outras analisam seus personagens a partir de perspectivas literárias, sociológicas e/ou históricas. Neste universo, os trabalhos de Mariana Chaguri (2007; 2012), Bernardo Buarque de Hollanda (2004; 2012) e André Mendes Capraro (2007) são pioneiros ao articularem o regionalismo do autor e a sua intensa produção cronística.

Algumas considerações a respeito da crônica zeliniana

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.

“Graças a Deus”, seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós.

[...] consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.

(Antonio Candido, “A vida aos rés-do-chão”, 2004, p. 23).

A crônica geralmente se atém ao que está no alcance do olhar do cotidiano ou de uma situação específica retratada pelo autor que a escreve. Por isso a crônica se situa, geralmente, dentro dos jornais, por ter essa característica que a aproxima da reportagem. Jorge de Sá (1985), por sua vez, situa a crônica como gênero literário ligado às esferas do jornalismo e da literatura, já que tendem a ser publicadas primeiramente em jornais e, por isso, apresentam limitação de espaço e caráter de transitoriedade. Além disso, Jorge de Sá indica que este profissional das letras:

dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista), o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação (SÁ, 1985, p. 8).

Quanto ao texto, a sintaxe da crônica “lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente texto escrito” (SÁ, 1985, p. 11). José Lins do Rego, o cronista a ser estudado nesta tese, foi também romancista conhecido por suas construções gramaticais e escolhas lexicais que o aproximaram da linguagem popular nordestina, inclusive gramaticalmente. O coloquialismo da crônica, aqui portanto, não significa “a transcrição exata de uma frase ouvida na rua”, mas sim “a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor” (SÁ, 1985, p. 11). Desta maneira, podemos ver que tanto a face cronista quanto a face romancista são indissociáveis neste projeto intelectual do paraibano, sendo a crônica o gênero que possivelmente lhe permitiu maior alcance em relação ao público-leitor, e por meio do qual seguiu o seu legado de dedicar-se às questões sociais e políticas do país.

A produção intensa de crônicas na carreira de JLR teve início após a publicação de *Fogo morto* (1943), quando foi convidado a escrever e publicar crônicas de cotidiano, de viagens e esportivas. Além dos periódicos indicados a seguir, pelo crítico literário Fábio Lucas, em “O memorialismo de José Lins do Rego”, JLR também publicou nas revistas *Diretrizes* e *O Cruzeiro* com as quais colaborava regularmente em três jornais da cidade do Rio de Janeiro:

Cronista, José Lins do Rego deixou impressionante testemunho da vida cotidiana do Rio de Janeiro, especialmente no jornal *O Globo* [de Roberto Marinho]. Já em *O Jornal* [de seu conterrâneo Assis Chateaubriand] e *Jornal dos Sports* [de Mário Filho] dava asas à sua paixão pelo clube predileto, o Flamengo. Aí despontava a sua vocação de polemista e a veia satírica (LUCAS, 2011, p. 11).

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, no artigo “A trajetória jornalístico-literária de José Lins do Rego (II)” (2018) faz rica análise da produção cronística de JLR:

José Lins do Rego vai ser um escritor que acolhe a crônica em seu sentido lato e polimórfico. Isto é, um gênero que abriga e franqueia uma quase total liberdade narrativa, em termos de experimentação temática e estilística. Suas crônicas variam de tamanho, são curtas e longas, são diretas ou são impessoais, transcrevem cartas de leitores. Assim, suas crônicas são um verdadeiro *pot-pourri*, ou um *melting-pot*, onde escreve sobre os mais diversos aspectos: política, agricultura, seca, livros, personalidades nacionais e estrangeiras, artistas, cientistas, exposições, viagens ao exterior, crítica de filmes, etc.

[...] Embora fosse um romancista popular em termos de vendagem, foi a crônica quem lhe deu grande popularidade na capital da República, recebendo cartas, telefonemas e sendo reconhecido ao caminhar na rua. Isto concretizava um ideal modernista de aproximação e de comunicação com o povo, de contato diário através de uma linguagem oral, cujo tom de conversa era típico da crônica. É justamente a sua limitação, que o define como efêmero e menor, que no modernismo passa a se caracterizar como virtude.

Durante as diversas viagens feitas à Europa, aos Estados Unidos e ao Oriente Médio, José Lins não deixava de também produzir crônicas sobre suas impressões naquelas terras estrangeiras, enviando-as para publicação nos jornais brasileiros: “[...] de um conjunto de viagens a Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Grécia, Itália, Israel, resultam livros em que colige os seus curtos apontamentos” (HOLLANDA, 2012, p. 227, 231). Daí as publicações de uma seleta de suas milhares crônicas em coletâneas: *Gordos e magros* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942); *Poesia e vida* (Rio de Janeiro: Universal, 1945); *Homens, seres e coisas* (Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1952); *A casa e o homem* (Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954); *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1957); *O vulcão e a fonte* (Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958); *Dias idos e vividos* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981); *Flamengo é puro amor* (111 crônicas escolhidas) (Rio de Janeiro: José Olympio, 2002); *O cravo de Mozart é eterno* (crônicas e ensaios) (Rio de Janeiro: José Olympio, 2004) e, por último, *Ligeiros traços: escritos da juventude* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2007). Os dados de editoras – todas cariocas – e anos de publicação nos fazem ver que a JO só vem a editar e publicar as crônicas zelinianas postumamente, no começo do século XXI, fato que está relacionado à menor importância que se deu a esses textos do paraibano, em relação aos seus romances.

Metodologia

Nas mais de 1.600 crônicas assinadas por José Lins e publicadas n' *O Globo* há inúmeras referências à Segunda Guerra Mundial e aos desdobramentos dela na política, economia, na sociedade brasileira e mundial. O recorte temático apresentado neste artigo contempla o debate em torno da Argentina, bem dos desdobramentos políticos e ideológicos da Segunda Guerra Mundial no Cone Sul presentes nesses textos. Este artigo tem como ponto de partida sua viagem à Argentina em 1943, ainda não estudada na academia, tem como ponto de partida a sua ida ao Prata, incluindo o Uruguai, em novembro de 1943, realizada a partir de convite feito pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil – nesta viagem o acompanharam o médico e cientista Walter Oswaldo Cruz (1910-1967) e o filólogo e professor Nelson Romero (1890-1963). Ali ele proferiu uma série de conferências a respeito da literatura brasileira do século XIX no Colégio Libre de Estudios Superiores, posteriormente reunidas e publicadas em *Conferências no Prata* (Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1946). Além disso, escreveu 35 crônicas a respeito do país, publicadas no jornal *O Globo* entre os anos de 1944 e 1956.

Em linhas gerais, nas *Conferências no Prata* JLR faz um panorama dos cem anos de existência da literatura brasileira. Ele coloca Joaquim Manuel de Macedo, autor de *A moreninha*, como o primeiro romancista de um romance lido por todas as classes; Bernardo Guimarães como o primeiro autor regionalista, com sua obra *A escrava Isaura*; *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida como o primeiro grande romance brasileiro; o mestiço Machado de Assis como o maior romancista brasileiro; Aluísio de Azevedo como o grande romancista da realidade dos pobres; analisa Raul Pompeia e seu romance psicológico; e, por último apresenta o mulato Lima Barreto, como o “Tolstoi brasileiro”, sendo a partir dele que povo começa a ser herói do romance brasileiro. Por fim, JLR declara que a nossa literatura demorou cem anos para chegar ao povo.

Sabe-se que o Colégio Libre de Estudios Superiores (1930-1960) foi um importante centro intelectual do país, que fornecia cursos e conferências organizados pela elite intelectual do país platino, representada inclusive na figura de seus fundadores, os intelectuais Roberto F. Giusti (1887-1978), Carlos Ibarguren (1877-1956), Alejandro Korn (1860-1936), Narciso C. Laclau, Aníbal Ponce (1898-1938) e Luis Reissig (1897-1972). O historiador argentino Luis Alberto Romero esclarece que o Colégio Libre:

pretendia ser uma Universidade Livre, seguindo o modelo em voga na Europa, e também participar do vasto empreendimento da educação popular [...] cursos universitários de alto nível, que se distinguissem das práticas vulgares das universidades, criticadas por eles; por outro lado, uma tarefa de projeção e divulgação voltada ao melhor nível intelectual e cultural de público não-especializado.

[...] O Colégio Libre oferecia conferências e cursos do mais alto nível acadêmico sobre filosofia, economia, história, literatura, ciências, música e temas afins. Entre os assistentes havia muitos universitários e estudantes que buscavam ali uma orientação alternativa à de suas Faculdades, bem como profissionais, docentes e público culto em geral. A revista *Cursos y Conferencias* oferecia versões do mais importante que ocorrera no Colégio, junto às informações bibliográficas e todo tipo de notícias institucionais, cuja circulação contribuía na integração do “grupo do Colégio Libre” (ROMERO, 2002, p. 205, tradução minha).

Por outro lado, até agora pouco se sabe a respeito da rede de solidariedade e de sociabilidade que ocasionaram a série de conferências ali proferidas por José Lins. As 35 crônicas reunidas por meio de pesquisa no Acervo d’*O Globo* apresentam assuntos variados versando, principalmente, sobre literatura, cidades, política, cultura e personalidades do país. O primeiro texto sobre o país assinado por José Lins foi publicado na edição de 12 de outubro de 1944 do periódico, intitulada “A poesia de Martin Fierro” e o último, “La prensa”, em 8 de fevereiro de 1956.

A pesquisa optou por aproximar as crônicas de acordo com seus eixos temáticos (impressões de sua viagem a Buenos Aires, análise da política argentina e/ou da literatura argentina, etc.). No âmbito da literatura estão crônicas a respeito de Domingo Faustino Sarmiento e seu *Facundo* – o tema literário mais recorrente nas crônicas –, além de Martin Fierro. JLR também comenta a sua passagem pelas cidades de Buenos Aires, Rosário e Bahía Blanca. Sobre a política, o peronismo e seus desdobramentos é bem recorrente – aqui vejo a hipótese de que o paraibano se utiliza do peronismo como argumento para também criticar, indiretamente, o varguismo brasileiro. A cultura se desdobra em várias frentes: o tango; o jornalismo; a produção editorial e literária do país, sendo ressaltada a sua qualidade superior em relação à nossa; os intelectuais que atuam nas universidades argentinas também parecem ser mais reconhecidos e valorizados do que os brasileiros, na opinião do autor e algumas personalidades argentinas contemporâneas a ele mereceram artigos exclusivos: o sociólogo Martinez Estrada, o político comunista Rodolfo Ghioldi, o artista Carybé (pseudônimo de Hector Julio Páride Bernabó) que inclusive viria mais tarde a se naturalizar brasileiro, o historiador José Luis Romero e o fisiologista Bernardo Houssay.

No subcapítulo “A corroboração internacional: notas sobre a edição de autores brasileiros na Argentina”, o historiador argentino Gustavo Sorá demonstra, por meio de estatística e análise de rede de sociabilidade, que intelectuais, agentes literários e editores do país platino se interessaram muito pelas obras dos autores modernistas do nordeste brasileiro, de maneira que seu país fica apenas atrás da França no número de traduções/edições de autores brasileiros no século XX (SORÁ, 2010, p. 197-198). O autor também menciona a ida de Jorge Amado aos países do Prata, em 1937 e a viagem de JLR aqui estudada.

É importante notar que a obra não sai pela JO, fato que nos permite pensar que as conferências não saem por essa editora por não serem parte de sua área de interesse: “[...] nas memórias, crônicas,

biografias, estudos de vida e obra, as experiências desse conjunto de primeiras saídas ao exterior, via Argentina, foram apagadas como traços de pouca valorização simbólica, em uma carreira de universalização das obras” (SORÁ, 2010, p. 210). Daí o fato de este artigo trazer à tona a recuperação e análise das conjunturas e consequências desta ida de JLR ao país platino. Vale também dizer que o intelectual paraibano também traduziu obra do argentino Eduardo Mallea, *Todo verdor perecerá* (Porto Alegre: Globo, 1938)³. Em contrapartida, constam traduções argentinas das seguintes obras de JLR, todas elas editadas em Buenos Aires: *Niño del ingenio* (1946), *Banguê* (1946), *Piedra Bonita* (1947) e *Fogo morto* (1947).

Até o estágio atual da pesquisa foram realizadas consultas no Arquivo Histórico do Palácio do Itamaraty, onde pude recuperar mensagens oficiais que fazem referência à ida de JLR, junto a Nelson Romero e a Walter Oswaldo Cruz, como representantes da Missão Cultural Brasileira do Itamaraty que acompanhou, em outubro e novembro de 1943, a criação da Cátedra de Estudos Brasileños no Colégio Libre da capital portenha. O ministro das Relações Exteriores do Governo Vargas, Temístocles da Graça Aranha (1894-1956)⁴ é quem envia as cartas da capital federal, remetendo-as ao diplomata José de Paula Rodrigues Alves (1883-1944)⁵, que trabalhava desde a Embaixada brasileira na capital portenha. Aqui vale lembrar que o governo Vargas, nesse mesmo ano das Conferências quando também ocorria a Segunda Guerra Mundial, apresentava a Guerra como choque entre duas mentalidades europeias – a força do bem, democrata e cristã, contra a força do mal, atea e totalitarista

³ Esta tradução não consta na produção zeliniana reunida no anexo das edições José Olympio de seus romances e das memórias de *Meus verdes anos*, portanto esta pesquisa pôde identificar esta produção de JLR e incluí-la à sua obra. A pesquisadora Flora Marina Figueiredo Ajala, em sua dissertação de mestrado, traz à luz carta da correspondência passiva de JLR, remetida por Eduardo Mallea a 9 de janeiro de 1945, na qual o argentino se diz feliz por saber que JLR fosse o encarregado de traduzir seu livro. Além disso, Mallea declara ter lido *Fogo morto* e *Banguê* (Cf. AJALA, Flora Marina Figueiredo. *De menino de engenho a l'enfant de la plantation: os caminhos das traduções francesas da obra de José Lins do Rego*. 2016. 167F. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2016/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Flora-Marina-Figueiredo-Ajala.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2018).

⁴ Temístocles da Graça Aranha (1894-1956), nascido em foi diplomata brasileiro. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, entrou na diplomacia em 1915. Atuou nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Paris, Berna, Estocolmo, Bruxelas, Buenos Aires, Helsinque, Berlim, Montevidéu, Cairo e Haia. Nas idas e vindas de sua atuação na capital federal, em setembro de 1940 foi designado chefe da Divisão de Cooperação Internacional, cargo que ocupou até dezembro de 1942 (Cf. Verbetes biográfico “ARANHA, Temístocles da Graça”. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/aranha-temistocles-da-graca>. Acesso em: 30 jul. 2018).

⁵ José de Paula Rodrigues Alves (1883-1944), nascido em Guaratinguetá (SP) foi diplomata brasileiro. Engenheiro geógrafo e advogado de formação, iniciou sua carreira diplomática em 1906. Atuou nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Haia, Londres, Buenos Aires, Estocolmo, Pequim, Asunción e Santiago, sendo a capital argentina seu principal ponto de atuação diplomática, tanto por suas ações políticas quanto por seu tempo de permanência no país (Cf. Verbetes biográfico “ALVES, José de Paula Rodrigues”. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVES,%20Jos%C3%A9%20de%20Paula%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2018).

– sugerindo o americanismo como ideal de mundo novo, contraposto aos conflitos do velho continente (VELLOSO, 1997, p. 67)⁶.

No Arquivo Histórico do Itamaraty também constam cartas oficiais entre o Colégio Libre de Estudios Superiores da capital do país e o ministro. Uma das cartas entre a embaixada e o Ministério traz 14 recortes que tratam da ida e da recepção dos professores brasileiros no Colégio publicados nos seguintes periódicos argentinos: *La Prensa*, *La Nación*, *Crítica* e *La Vanguardia*. A partir de consulta a esse material foi feito o registro fotográfico e, posteriormente, a transcrição de seu conteúdo, respeitando a norma vigente das línguas portuguesa e espanhola.

Considerações finais

Este artigo pretendeu apresentar os caminhos iniciais da pesquisa em torno das crônicas da viagem de José Lins do Rego à Argentina, publicadas n' *O Globo*. A minha tese de doutorado, a ser defendida em 2021, deverá trazer o percurso final dessa pesquisa, a fim de reunir e analisar outras crônicas de viagens que seguem dispersas no Acervo d' *O Globo*.

Referências

- BRAGA-PINTO, César. “Ordem e tradição: a conversão regionalista de José Lins do Rego”. In: *Revista do IEB*, n. 52, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34667>. Acesso em: 13 ago. 2018.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. _____ . *Literatura e sociedade – Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010 (11ª edição).
- CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. 2007. 374F. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Departamento de História, Curitiba, PR. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2007/Andremendescampraro.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- CHAGURI, Mariana Miggiolaro. *Do Recife nos anos 20 ao Rio de Janeiro nos anos 30: Jose Lins do Rego, regionalismo e tradicionalismo*. 2007. 211p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas,

⁶ Velloso (1997:67) aponta inclusive que a estreia do filme de Walt Disney “Alô, amigos”, patrocinada por Darci Vargas e que traz o personagem Zé Carioca, representa “melhor a tentativa de popularização da ideologia do americanismo” por parte do governo varguista, fazendo-me constatar que JLR inicia sua coluna cronística d' *O Globo* falando de cinema (“O Globo nos cinemas”), em 1944, sendo as produções de Walt Disney tema recorrente de suas críticas de cinema.

- SP. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000440023>. Acesso em: 1 jun. 2017.
- _____. *As escritas do lugar: regiões e regionalismo em José Lins do Rego e Érico Veríssimo*. 2012. 394p. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- GOMES, Angela de Castro. “População e sociedade”. In: *Olhando para dentro: 1930-1964* (Volume 4). Coordenação de Angela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013, p. 41-90.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. “Revelações sobre José Lins do Rego”. In: *Ciência & Trópico*, vol. 10, n. 2, Recife, jul./dez. 1982, p. 161-174. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/307/198>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.
- _____. *ABC de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- LUCAS, Fábio. “O memorialismo de José Lins do Rego”. In: REGO, José Lins do. *Meus verdes anos: memórias*. Apresentação Fábio Lucas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011, p. 9-18.
- PASSOS, José Luiz. “O rito da modernização impossível”. In: REGO, José Lins do. *Usina*. Apresentação de José Luiz Passos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 9-30.
- RAMOS, Julio. “Límites de la *autonomía*: periodismo y literatura”. In: *Desencuentros de la modernidad en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1989.
- REGO, José Lins do. *Ligeiros traços – escritos da juventude*. Organização César-Braga Pinto. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- _____. *Meus verdes anos: memórias*. Apresentação Fábio Lucas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- ROMERO, Luis Alberto. “Capítulo tres / 1920-1976: El Estado y las corporaciones”. In: *De las cofradías a las organizaciones de la sociedad civil – Historia de la iniciativa asociativa en Argentina (1776-1990)*. [Buenos Aires]: Edilab Editora, 2002, p. 169-275.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.
- SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Com-Arte, 2010.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. In: *Revista de Sociologia e Política*, n. 9, 1997, p. 57-74. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39298>. Acesso em: 09 ago. 2018.